

CB
18/7/98 2
306

INVASÃO

Sem-terra começam a deixar o Parque

Antônio Oliveira e
João Carlos Rodrigues
Da equipe do Correio

Vinte e nove das 69 famílias transferidas pelo Serviço Integrado de Vigilância do Solo (SivSolo) da Fazenda Dois Irmãos para a beira da Rodovia 220, em Brazlândia — em área de preservação ambiental do Parque Nacional de Brasília —, continuavam no local ontem à noite. Elas não querem ir para a fazenda desapropriada em Flores (GO) pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e esperam a indicação de outro local. Outras 40 famílias foram levadas para Goiás.

O superintendente-adjunto do Incra para o DF e Entorno, Aílson Machado, explicou ontem que as outras 29 famílias também sairão do Parque. "Segunda-feira, eles serão levados para outra área, ainda não escolhida", disse Machado.

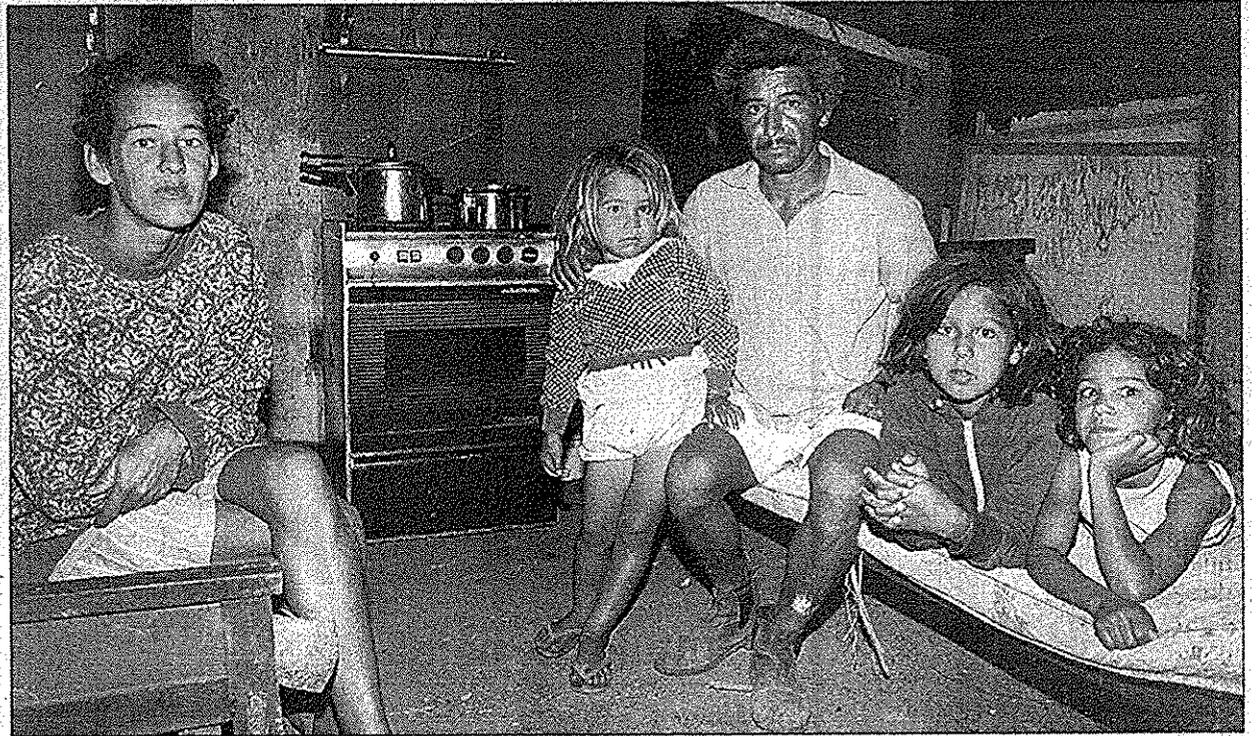
O secretário da Agricultura do DF, João Luís Homem de Carvalho, explicou que já há um local para as 29 famílias que ficaram. "A transferência dessas famílias para o Parque Nacional foi provisória. O Incra foi ágil para resolver o problema. Já há uma área em Água Fria (GO) para onde essas famílias que ficaram poderão ir", disse João Luís.

DOENTES

Se isto não ocorrer, o Incra poderá ter uma surpresa. Depois de "três anos de lona", os acampados se dizem "cansados de promessas" e vão endurecer. "Eu não tenho para onde ir. Se não nos derem um lugar definitivo, nós vamos acampar lá no Incra", diz o baiano de Irecê, Tito Lourenço de Souza, 37 anos.

Enquanto o último ônibus com sem-terra e três caminhões saíam rumo a Flores, ontem, às 19h, as famílias

Adauto Cruz



Idelci, Raísa, Tito, Renata e Reila querem um lugar definitivo para morar e se não ganharem vão acampar no Incra

que ficaram se preparavam para enfrentar mais uma noite no acampamento. Com água, levada pelo Ibama, mas sem comida. "Os que ficaram aqui são famílias que têm crianças na escola e pessoas doentes, com operações e consultas marcadas no hospital. Lá em Flores não há nada", diz Tito.

Sobre quem determinou a ocupação da área de preservação ambiental, Tito esclarece: "O major - Wolney Rodrigues - tinha um papel na mão. Ele disse que era a ordem do juiz para nos levar para dez quilômetros de distância. Foi ele quem indicou esta área", diz.

O homem que se diz dono da Fazenda Dois Irmãos, advogado Francisco Imperial, afirma que "já houve três invasões, mas estes que entram agora são aproveitadores, não são sem-terra".

Vida de acampamento

Idelci Oliveira de Souza, 31 anos, é trabalhadora rural. Mulher de Tito Lourenço de Souza, 37. Acompanha o marido há três anos nos acampamentos dos sem-terra, junto com as filhas Renata, 10, Reila, 8, Raísa, 5, e Angela, 4.

Agora, eles cansaram. Querem um lugar definitivo para morar e trabalhar. "Fiquei oito meses na beira da estrada e cinco na fazenda", lembra Tito. E lamenta que "tenham ficado com toda a madeira que eu tinha comprado, quando expulsaram a gente".

Na frente de um pequeno aparelho de televisão a pilha, a família se preparava para passar mais uma noite à beira da estrada, em Brazlândia. Às

19h, as crianças acabaram de comer e Idelci já se preocupava com o que daria para elas hoje. Sem "um tostão no bolso", Tito esperava que um amigo, mais uma vez, levasse pão, como vinha fazendo nos últimos dias.

A família não quer ir para Flores (GO). As três meninas mais velhas estão na escola. "Não vou tirar as crianças da escola e sair por aí. Lá não tem escola", diz Tito. "E a água é salobra (salgada)", completa Idelci.

Tito e Renata estão doentes. Ele com problemas gastro-intestinais. A filha tem febres durante a noite e está "muito magrinha", diz a mãe. Elas Aparentam idades bem abaixo do que realmente têm. (AO)